
TRANSFORMANDO CONSUMIDORAS EM MULHERES

Daniel Valério Martins
Franciele Medeiros

Resumo

Esta pesquisa foi realizada a fim de explicar como as empresas podem utilizar a antropologia para adquirir empatia com seus clientes. Analisamos fatos históricos com a intenção de entender o comportamento de consumo das mulheres brasileiras em relação a indústria da beleza. O artigo em questão possui cunho bibliográfico. Diante da pesquisa realizada, constata-se que as questões inicialmente levantadas pelo presente estudo foram atendidas. Aconselha-se que as empresas incorporem as sugestões a fim de que seja possível maximizar suas receitas diante da crise econômica em vivencia o país.

PALAVRAS-CHAVE: História. Comportamento. Antropologia. Padrões de beleza. Mercado.

Resumen

La presente investigación ha sido realizada a fines de explicar cómo las empresas pueden utilizar la antropología para adquirir empatía con sus clientes. Analizamos hechos históricos con el intuito de entender el comportamiento de consumo de las mujeres brasileñas en relación a la industria de la belleza. El artículo en cuestión posee cunho bibliográfico. Mediante la investigación realizada, se constata que las cuestiones inicialmente subrayadas por el presente estudio han sido atendidas. Aconsejamos que las empresas incorporen las sugerencias a fines de que sea posible maximizar sus recetas mediante la crisis económica en que vivencia el país.

PALABRAS-CLAVES: Historia. Comportamiento. Antropología. Padrones de belleza. Mercado..

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em consumidoras, é normal no mundo dos negócios ter uma visão tanto quanto “mecânica” das mulheres. Pesquisas de mercado baseadas em questionários e outros modos quantitativos dificilmente chegam a um resultado satisfatório quando o assunto é “o que querem as mulheres”. É preciso entender sua essência em seus mais variados cenários e observá-las como serem individuais, logo cada uma é diferente da outra.

Não buscamos com este artigo reconstruir a história do Brasil, mas bem mostrar que existem fendas entre os espaços acima citados. Estes espaços nos mostram que o Brasil como conhecemos hoje, tanto para nativos como para estrangeiros é bastante recente apesar dos seus mais de 500 anos de história. Discutimos a posição das mulheres em relação a beleza analisando os costumes, a mistura dos povos, junto com a cronologia da história do país mediante os acontecimentos anteriormente citados a estas épocas para que possamos entender seu comportamento de consumo nos dias atuais.

1. Da idade média ao período Colonial

Podemos iniciar nossa reflexão deste capítulo com a perspectiva religiosa na idade média, a religião emanava pensamentos de que a mulher era ardilosa, amiga da serpente, tentou Adão e o levou a perder o paraíso. A mulher era vista como alguém que estaria ali apenas para tentar o homem, sobretudo os religiosos por seus votos de castidade. Quando mais realçada a beleza da mulher, maior era sua devassidão, a tentação do próprio diabo desvirtuando os caminhos dos homens de bem. Mulheres que realçavam a beleza eram promíscuas e logo tais procedimentos atribuídos as senhoras dos cabarés.

No século XII, um bispo de Paris chamado Pedro Lombardo, um dos grandes pensadores da época, pleiteava que a beleza era um dos fatores para formar casais. Dizia que a beleza quase sempre é perigosa e as vezes até funesta. Principalmente porque os religiosos quase sempre eram suas “vítimas” e estão destinados a castidade. Outros autores com o passar dos séculos também confirmavam esta visão da igreja sobre o corpo feminino e sobre os perigos que representa a beleza para uma mulher. Principalmente porque inspira um amor que não seria o “verdadeiro” amor, mas sim apetite da natureza humana. Desta maneira qualquer tentativa de realçar esta beleza era vista como uma inclinação pecaminosa já que o “enfeioamento” do corpo era considerado como teoria punitiva, logo, “purificativa”.

Em relação a estética, na europa desde o século XVI, circulavam livros de “receitas” ou de “segredos” da

beleza. A cosmética evoluía “a partir do século XVI o crescimento das trocas econômicas e comerciais incrementou o aparecimento de especiarias que vinham do oriente. (DEL PRIORE, 2005).

Já que os registros sobre o Brasil datam somente a partir da data controversa da chegada dos portugueses as terras Tupiniquins. A data de 22 de abril de 1.500 é bastante familiar para todos os brasileiros, o episódio do “descobrimento” do Brasil pelos portugueses está sempre presente nos planos de ensinos de todas as escolas primárias do Brasil. Mas o que aconteceu depois? A história do Brasil ensinada nas escolas da geralmente se resume mais ou menos ao “descobrimento” do Brasil em 1.500, a chegada da família real em 1.808, a proclamação da independência por D. Pedro I em 1822, a abolição definitiva da escravidão em 1.888 e ao fim a proclamação da república pelo Marechal Deodoro da Fonseca e seus aliados.

Para os portugueses da época do descobrimento resultava muito estranho a amabilidade das nativas pois naquele momento em toda a Europa, o recato era considerado de boa educação, a castidade o bem mais precioso da mulher, elas comiam, bebiam, falavam e agiam para apresentar uma imagem honrada e honesta. E as que muito saíam de casa, para a sociedade naquela época, mesmo a donzela sendo habituada a andar daqui para lá e a ter relações sociais, já não poderia contar com certa “vergonha natural” que protege sua castidade dos homens. Logo, uma vez perdida toda sua timidez e toda sua esquivas se tornaria como um animal selvagem que uma vez domesticado pelo homem se torna doméstico e se deixa tocar e acariciar.

Perrot acrescenta com reflexões acerca do corpo, segundo ele “o corpo está no centro de toda relação de poder. Mas em relação as mulheres, o corpo é primordialmente o centro, de maneira imediata e específica. Ou seja, sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir (provocante, o riso não cai bem às mulheres, segundo ele, é preferível que elas fiquem com as lágrimas) são objeto de uma perpétua suspeita (...) toda mulher em liberdade é um perigo e, ao mesmo tempo, está em perigo, um legitimando o outro” (PERROT, 2005, p. 447).

Del Priori confirma tais impressões, dizendo que as mesmas mulheres que se produziam com esmero para sair às ruas, em casa ficavam cobertas com um “timão”, espécie de “camisolão” branco, de tecido leve, que não as atrapalhavam nas atividades domésticas. Não havia nenhuma preocupação em manter a forma do corpo ostentada na juventude. Segundo Freyre (1986), “resultado, de certo, dos muitos filhos que lhes davam os maridos; da vida morosa, banzeira, moleirona, dentro de casa; do fato de só saírem de rede e debaixo de pesados tapetes de cor (...), ou então de bangüê ou de liteira; e no século XIX, de palaquim e carro de boi. Algumas senhoras até na igreja entravam de rede, muito anchas e triunfantes, nos ombros dos escravos” (Freyre, 1986: 400).

Até este período o que chama a atenção são segundo relatos: maneiras livres e graciosas, o gosto pelo asseio e pelos banhos – no caso das indígenas -. O padrão de beleza diferente do padrão europeu que no momento sofria influência Italiana, onde na época de Felipe II as mulheres da alta sociedade tingiam o cabelo

de louro e na Espanha várias arrebicavam o rosto de branco e encarnado para tornarem a pele, que é um tanto ou antes muito trigueira, mais alva e rosada, persuadidas de que todas as trigueiras são feias.

O Brasil na época da vinda da família real em 1.808 era mais ou menos um grupo de regiões más o menos autônomas e possuía pouco mais de 3 milhões de habitantes, menos de 2% da população atual. A cada três brasileiros um era escravo e a população indígena era de aproximadamente, 800.000 habitantes. O idioma oficial era o português e até o momento não existia a expressão “brasileiro”, que outrora fora designada aqueles que comercializavam o pau Brasil.

Salvador, nesta época possuía 46.000 mil habitantes, logo D. João VI autorizou a abertura dos portos às “nações amigas” que naquele momento tratava-se de Inglaterra que havia ajudado D. João VI e toda sua corte a fugir para o Brasil enquanto Napoleão invadia Portugal. O Rei também autorizou a criação de universidades, fábrica de vidro, outra de pólvora. Instaurou a cultura e o moinho de trigo. Autorizou também a abertura de estradas pelo território brasileiro que até então era proibido por medo de comercialização ilegal de ouro encomendou um plano de defesa e fortificação da Bahia.

O Rio de Janeiro, onde D. João transferiu a capital também estava bastante longe de ser o que conhecemos hoje. Na época a população era de 60.000 mil pessoas. A rede de informação era bastante precária baseada em fortalezas, vilas e faróis costeiros para informações urgentes. Uma passagem bastante curiosa sobre a chegada da corte portuguesa ao Brasil é a que nos conta Gomes, (2010, p. 82) “No Afonso de Albuquerque, em que viajava a princesa Carlota Joaquina, uma infestação de piolhos obrigou as mulheres a rapar os cabelos e a lançar suas perucas ao mar. As cabeças carecas foram untadas com banho de porco pulverizada com pó antisséptico”. O interessante não é exatamente o fato em si, já que era bastante comum este tipo de situações precárias de higiene em viagens deste porte nesta época, mas bem os acontecimentos posteriores.

A população do Rio de Janeiro aguardava ansiosamente a chegada do rei, sua família e toda sua corte. Para que se possa ter uma noção do sentimento daquelas pessoas naquela época a pesquisadora costuma fazer uma analogia para com o sentimento de algumas pessoas com Deus. As pessoas nunca viram Deus, mas muitas acreditam piamente na existência dele e que em algum lugar no céu ele está olhando por nós. Agora imaginem o frisson se falássemos a estas pessoas que uma entidade divina viria nos visitar? Era mais ou menos assim que aquela população se sentia. Muitos eram já nativos do Brasil e poucos haviam tido contato com a corte portuguesa. Apenas sabiam que do outro lado do oceano em uma terra muito distante um rei governa aquelas terras. Então naquele tempo as pessoas estavam muito excitadas pela vinda de seus monarcas, tanto que as mulheres do Rio de Janeiro ao virem a princesa Dona Carlota Joaquina sem cabelos e com um turbante branco pensaram que era a última moda na Europa e muitas copiaram o “penteado”. Esta passagem nossa opinião também reforça a ideia de colonialismo presente até os dias atuais. É bastante comum as pessoas nativas ainda crerem que o que vem da Europa é melhor e mais moderno, etc. Esta percepção continua incrustada na sociedade atual até os dias de hoje. Um exemplo típico de uma família bem-sucedida no período colonial, era

a que as mulheres que usavam roupas e colônias vindas da França, que seguiam as modas europeias apesar do clima predominantemente tropical no Brasil. Outro exemplo também era nas construções, vitrais vindos da Europa, tapeçaria, louças e etc.

Expilly conta também que as pessoas gastavam tanto em modas e jóias maciças, mas não se dignavam a pagar por um bom professor. Os esforços esmerados em educação e moda eram grosseiramente desproporcionais. Este relato é bastante interessante porque também se pode comparar com os dias atuais onde se pode facilmente encontrar meninas que juntaram dinheiro para uma intervenção cirúrgica, alguma roupa de marca ou o que seja relacionado a indústria da beleza, no entanto não possuem formação acadêmica.

2. Da proclamação da independência ao final da Era Vargas

Sobre a influência da igreja católica no comportamento da população, em 1821, é proclamada a independência do Brasil e o liberalismo passa a ser defendido por muitos políticos e intelectuais, no entanto, a elite predominante vinha de uma instrução portuguesa no pensamento tradicional, cuja moral era baseada nos rígidos ideais católicos contrastando com a flexibilidade do período colonial que de certa forma “negociava” padrões de conduta cristã a pretexto de catequisar nativos e habitantes pouco católicos. E, então, o período imperial brasileiro, embora com características liberais, repetiu o mesmo modelo de formação moral.

Neste período destacamos algumas conquistas das mulheres no Brasil. Em 1822 Dona Maria Leopoldina Josefa Carolina, arquiduquesa da Áustria e Imperatriz do Brasil, exerce a regência, em 1822, na ausência de D. Pedro I, que se encontrava em São Paulo. A imperatriz envia-lhe uma carta, juntamente com outra de José Bonifácio, além de comentários a Portugal criticando a atuação do marido e de dom João VI. Ela exige que D. Pedro proclame a independência do Brasil e, na carta, adverte: “O povo está maduro, colha-o já, senão apodrece”.

Após a proclamação da independência por D. Pedro I em 1822, no ano de 1827 surge a primeira lei sobre educação das mulheres, permitindo que frequentassem as escolas elementares. As instituições de ensino mais adiantado ainda eram proibidas a elas. Mais tarde em 1879, as mulheres ganham autorização do governo para estudar em instituições de ensino superior. Embora como todas as pioneiras em algo, as que seguiam este caminho eram duramente criticadas pela sociedade.

Em 1885, a compositora e pianista Chiquinha Gonzaga estreia como maestrina, ao reger a opereta “A Corte na Roça”. Ela foi a primeira mulher no Brasil a estar a frente de uma orquestra. Precursora do chorinho, Chiquinha compôs mais de duas mil canções populares, entre elas, a primeira marcha carnavalesca do país, “O abre alas”. Chiquinha ainda escreveu mais 77 peças teatrais.

No ano de 1887 formou-se a primeira médica no Brasil, a Sra. Rita Lobato Velho. As pioneiras tiveram muitas dificuldades em se afirmar profissionalmente e algumas foram ridicularizadas.

Com a proclamação da República em 1889, o Estado se separou da Igreja, no entanto clérigos tradicionalistas lutaram – com sucesso - para conseguir lugares importantes na política brasileira. E apesar de não haver ligações formais entre tradicionalismo e catolicismo, na prática, - como acontece também nos dias atuais - houve, porque os tradicionalistas eram católicos e, em relação à moral, a Igreja continuou a impor as suas normas, impedindo as discussões sobre tudo o que não endossava. Como sobre o divórcio, por exemplo, que como se sabe, encontrou muita dificuldade para ser legalizado, mais tarde sobre o uso de contraceptivos e hoje em dia sobre a legalização do aborto. No ano de 1917 a professora Deolinda Daltro que fundou o Partido Republicano Feminino em 1910, em plena República Oligárquica, lidera uma passeata exigindo a extensão do voto às mulheres.

Quanto a normatização da sexualidade de certa forma continuou sob a tutela da Igreja, imposta nos colégios, pregada nos sermões da missa dominical e em todas as atividades pastorais dos padres. A partir de meados do séc. XIX, houve no Brasil um novo surto de repressão da sexualidade, como consequência ao avanço do espírito burguês e liberal resultante da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. À ideia de prazer e bem-estar corporal, era contraponente a necessidade, reforçada pela doutrina católica, do espírito de mortificação e sacrifício que purificavam a alma. Os novos institutos religiosos europeus, que também se estabeleceram no Brasil, já vieram marcados com essa mentalidade puritana. Os temas relativos à sexualidade eram totalmente excluídos das orientações destinadas à educação, onde a ênfase era dada à salvação da alma. Esta parte da história é tão atual que se conversarmos com nossas avós compreendemos muitos fatos que hoje não parecem ter cabimento. É possível compreender esta ideia de que “Beijar antes de casamento é pecado mortal”, “sexo é pecado”, inclusive sentir prazer com sexo era algo imoral, ou “coisas de mulher da vida”. Muitas mulheres eram literalmente estupradas pelos maridos no casamento.

Em alguns estabelecimentos religiosos chegou-se a impor que as meninas usassem camisolas durante o banho, mesmo sendo individual, a fim de evitar que as alunas desenvolvessem uma consciência mais nítida da própria corporeidade e sexualidade, pois a ignorância em matéria sexual constituía a melhor forma de preparar a juventude para uma vida adulta virtuosa e sadia.

Em um editorial de Revista feminina datado de 1890 diz que “hoje em dia, preocupada com mil frivolidades mundanas, passeios, chás, tangos e visitas, a mulher deserta do lar. É como se a um templo se evadissemos um ídolo. É como se a um frasco se evolasse o perfume. A vida exterior, desperdiçada em banalidades é um criminoso esbanjamento de energia. A família se dissolve e perde a urdidura firme e ancestral dos seus liames. (Editorial da Revista Feminina de 1890, *apud* Del Priore 2005). Nota-se que as represálias da sociedade aumentam na mesma proporção da liberdade que as mulheres vão conquistando. Para a compreensão do que se propõe neste trabalho é imprescindível a empatia com que se plantea neste capítulo. A mulher era vista como uma extensão do homem, seu reflexo de sucesso. Então, uma mulher conquistar espaço na sociedade, era algo escandaloso. Uma mulher trabalhando igual homem, opinando igual homem, vestindo calças, etc. era algo impensável para os conservadores da época. Esta herança patriarcal persiste até nos dias atuais.

Chega então o início da república e o corpo feminino começa a movimentar-se em direção aos esportes. As cidades trocavam a aparência paroquial por ares cosmopolitas; nelas misturavam-se imigrantes, remanescentes da escravidão e representantes da elite. Nascia uma nova mulher (Del Priore, 2005).

Uma das conquistas mais difíceis das mulheres na história do país foi o direito de votar, pois de 1.889 com a proclamação da república, até 1932 era prerrogativa apenas dos homens. Mulheres eram julgadas incapazes de tomar por si só este tipo de decisão. Destacamos como símbolo desta conquista Carlota Queiroz, a primeira Parlamentar eleita em 1935. Outra vitória das mulheres deu-se com a criação da lei do divórcio, representando para muita sua “carta de alforria”, pois, a partir daí, estavam livres para reescreverem sua história, agora como senhoras de seus destinos, pois como vimos anteriormente, a mulher era vista como propriedade, antes do pai que arranjava seu casamento de maneira quase que comercial, depois ao marido e esperava-se dela subordinação, resiliência, que fosse boa parideira e boa mãe. E tal como reflexiona Freyre (1987) sobre o simbolismo da mulher na época do patriarcado no Brasil, a mulher era algo ornamental a ser ostentado pelos homens que cultuavam e se orgulhavam, exibindo à sociedade suas sinhás e sinhazinhas. Esta ostentação permanece na sociedade burguesa, onde ornamentos, trajes, penteados, sapatos e joias das mulheres casadas serviam de afirmação à prosperidade dos maridos.

Por outro lado, Saffioti assinala que a mulher na sociedade de classes capitalistas atuais oscila entre aderir aos papéis construídos (e ao status associado ao segundo – que chamou de “status reflexo do marido”) de “mulher economicamente ativa” ou como “mãe de família [ou ‘dona-de-casa] ‘ociosa’ (do ponto de vista do sistema dominante de bens e serviços), que goza do status reflexo do marido” (Saffioti, 1979: 356). Wolf, (1992, p.13) complementa sob uma perspectiva diferente “a medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social”.

Reforçando de certa maneira o pensamento de Wolf, seguimos com a reflexão de Kelly, (1979: 61, *apud* Lauretis, 1994: 215) “O que vemos não são duas esferas da realidade social, e sim dois (ou três) conjuntos de relações sociais. Por enquanto chamaria estas relações de relações de trabalho e sexo (...) Em qualquer das formas históricas tomadas pela sociedade patriarcal (feudal, capitalista, socialista, etc.) um sistema de sexo-gênero e um sistema de relações produtivas operam simultaneamente (...) para reproduzir as estruturas sócio-econômicas e o domínio masculino da ordem social dominante”

Com o passar das décadas a preocupação estética vai se intensificando e conforme Berger (2006), já era alta em meados dos anos de 1920, como já comentado anteriormente, a partir dos anos 1950, tal situação atingia proporções muito maiores. É possível sugerir uma correlação deste fato com o desenvolvimento da economia, que durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek passou por saltos de crescimento, gerou mais empregos assalariados (inclusive da mão de obra feminina) e estimulou o consumo. Neste período há também um reforço da própria mídia e dos modelos corporais por ela veiculados. A partir da metade do século

XX, as imagens penetrarão cada vez mais no cotidiano. Há uma multiplicação das revistas dirigidas às mulheres, em diversos âmbitos sejam eles de moda, de variedades, e em todas elas figuram mulheres bonitas nas capas. A televisão ainda é artigo de luxo, mas cada vez mais ingressa nos lares brasileiros, bem como se intensifica o hábito de ir aos cinemas. Uma legião de mulheres bonitas se apresenta ao olhar e parece nos dizer que ser bela é fácil, desde que se utilize o produto “X”. (Berger, 2006).

“Durante os anos 20, 40% dos lares adquiriram rádios, e a freqüência semanal dos cinemas duplicou-se, atingindo no final da década 100 a 115 milhões de espectadores. Inquéritos indicavam que mesmo as estrelas de cinema tinham substituído os líderes políticos, empresariais ou artísticos como as figuras mais admiradas pelos jovens. Novas formas de comunicação forjavam informações e valores comuns” (COTT, 95, 96).

Sobre as conquistas das mulheres por esta época temos em 1927 o Governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine, consegue uma alteração da lei eleitoral dando o direito de voto as mulheres. O primeiro voto feminino no Brasil – e na América Latina – foi em 25 de novembro, no Rio Grande do Norte. Quinze mulheres votaram, mas seus votos foram anulados no ano seguinte. No entanto, foi eleita a primeira prefeita da História do Brasil, Dona Alzira Soriano de Souza, no município de Lages, também no Rio Grande do Norte. Em 1932, Getúlio Vargas, no início da Era Vargas promulga o novo Código Eleitoral, garantindo finalmente o direito de voto as mulheres brasileiras.

Em 1933: Nas eleições para a Assembleia Constituinte, são eleitos 214 deputados e uma única mulher, a paulista Carlota Pereira de Queiroz. Nos anos entre 1937 e 1945, Estado Novo criou¹ o Decreto 3.199 que proibia as mulheres a prática dos esportes que considerava incompatíveis com as condições femininas tais como: “luta de qualquer natureza, futebol de salão, futebol de praia, polo, polo aquático, halterofilismo e beisebol”. O Decreto só foi regulamentado em 1965. Em 1948, depois de 12 anos sem a presença feminina, a delegação brasileira olímpica segue para Londres com 11 mulheres e 68 homens.

Sobre utilização de métodos contraceptivos e o empoderamento sexual das mulheres nos conta Rameck, que puderam “assim, se dedicar também a estudos de aperfeiçoamento, mobilizando-se para buscar melhor orçamento familiar e maior status econômico. Daí, outra grande transformação social para a entrada da mulher dos setores médios no mercado de trabalho: o seu ingresso no mundo universitário” (RAMECK, 2001 pg.28). O declínio da fecundidade observado no Brasil ocorreu numa velocidade ainda não registrada em nenhum outro país, fazendo com que a taxa de fecundidade total (TFT) passasse de 6,3 filhos em 1960 para 4,4 filhos em 1980 e atingindo 2,2 em 2001.²

¹O Estado Novo - 1937-1945. Ocorreu durante o Governo Provisório, o presidente Getúlio Vargas e deu início ao processo de centralização do poder, eliminou os órgãos legislativos - federal, estadual e municipal -, designando representantes do governo para assumir o controle dos estados, e obstruiu o conjunto de leis que regiam a nação. A oposição às ambições centralizadoras de Vargas concentrou-se em São Paulo, que de forma violenta começou uma agitação armada – este evento entrou para a história com o nome de Revolução Constitucionalista -, exigindo a realização de eleições para a elaboração de uma Assembléia Constituinte. Apesar do desbaratamento do movimento, o presidente convocou eleições para a Constituinte e, em 1934, apresentou a nova Carta. A nova Constituição sancionou o voto secreto e o voto feminino, além de conferir vários direitos aos trabalhadores, os quais vigoram até hoje.

²IBGE - Censo Demográfico 2000 Nupcialidade e Fecundidade. Disponível em: URL: <http://www.ibge.gov.br>

Além disso, conforme estudos realizados por, (Pedro, 2003; EspaçoReservado1) por intermédio dos depoimentos obtidos, como foi importante a posição da Igreja Católica para uma geração anterior aquela do surgimento dos novos contraceptivos hormonais, e como as mulheres da , como chamou de “geração pílula” resolveram o impasse que tanto afligia a geração de suas mães e avós necessariamente, como foi vivido, ou pelo menos como diferentes gerações de mulheres constroem uma narrativa de suas vidas, de suas experiências. (Pedro, 2003) também considerou que era de sexo e de corpo feminino que se estava falando, quando acordos internacionais exigiam a redução da natalidade de países de terceiro mundo, como o Brasil.

A partir daí, embora o uso do contraceptivo no Brasil tenha sido por outras razões, mas sexo e reprodução começaram a se divergir.

Reforçando essa percepção, Del Priore, (1993, p.66) nos conta que a situação de destaque da mulher no quadro de relações concubinárias vinha, por outro lado, incentivar a Igreja a irradiar um discurso normatizador cujo objetivo era valorizar o casamento e, dentro dele, as funções da maternidade, a fim de converter as populações femininas a um modelo de comportamento que fosse útil ao projeto civilizatório e colonizador.

Françoise Thébaud, (1995) tem uma opinião bastante interessante sobre esta fase da História das mulheres no Brasil nos contanto que a “utilização de métodos modernos de contracepção não liberta apenas as mulheres de gravidezes indesejadas; ela dá-lhes, em detrimento dos homens, o domínio da fecundidade, e deve ser colocada no mesmo plano que as modificações do direito civil que, na mesma altura, põem termo à sua subordinação na vida privada”.

Agora com liberdade sexual e, cada vez mais observa-se “ginástica, músculos, nudez, exaltação da beleza física, conduzindo ao desejo de seu próprio corpo por meio de um trabalho insistente, metuculoso, que o poder exerceu sobre os vários corpos, das crianças, das mulheres, dos soldados, do corpo sadio” (Casa Nova, 1996 pg.147). Podemos afirmar também, que com o controle da liberdade sexual as mulheres passaram a ter mais tempo para cuidar de si, não apenas na aparência, mas puderam estudar e lançar-se ao mercado de trabalho. Seria a revolução feminina na sociedade patriarcal.

Del Priori (2005) diz que a em relação a aparência a preocupação feminina com a aparência não era pequena. Só que ela era também controlada pela Igreja como herança da idade média.

Reforçando esta percepção religiosa nos conta (Del Priori, 1993) “Quem ama sua mulher por ser formosa, cedo lhe converterá o amor em ódio; e muitas vezes não será necessário perder-se a formosura para também perder o amor, porque como o que se emprega nas perfeições e nas partes do corpo não é o verdadeiro amor, se não appetite, e a nossa natureza é sempre inclinada às variedades, em muito não durará”.

As represálias vinham de todos os lados “o curioso é que no limite entre a cosmética saudável, aquela capaz de sanar males e doenças, e a cosmética para ‘embelezar’ era estreito. As mulheres resvalavam de uma para outra, sob o olhar sempre condenatório de maridos, padres e médicos” (Del Priore, 1993 pg. 30).

Então, “aliados às preocupações higiênicas, inúmeros cuidados com o corpo tendem a ser tratados,

unicamente, sob o prisma medicinal” (SANT’ANNA, 1995 pg.124).

Sobre a situação dos cabelos, por exemplo, “pode ser revelador da trajetória de vida de uma pessoa, da sua condição de existência e do momento que vivencia no interior de um determinado grupo social” (QUEIROZ e OTTA, 2000 pg. 27)

Segundo Sant’Anna, “Cinelândia, Capricho, querida, estão entre as publicações onde os conselhos de beleza são recomendados por estas mulheres-mitos. Mulheres belas aconselhando outras mulheres, de modo informal e extremamente didático, quase sussurrando como é bom, fácil e importante se fazer bela, dia após dia (...) mulheres sempre jovens afirmando com uma ênfase antes nunca vista, que não vale à pena sofrer por falta de beleza. Ao lado desta nova tendência, as regras de beleza prescritas pelos médicos e moralistas das décadas anteriores se tornam insuficientes, austeras e ultrapassadas. Desde então os produtos de beleza – agora raramente chamados de remédios – adquirem um poder antes pouco reconhecido. Segundo a publicidade, eles podem influenciar diretamente o psiquismo de cada mulher, tornando-a não somente mais bela como também mais feliz e satisfeita com ela mesma” (SANT’ANNA, 1995 pg.128).

Desta maneira “o poder/prestígio é distribuído/conquistado na luta cotidiana dos diferentes contingentes humanos na base da contradição entre as classes sociais, do antagonismo entre raças/etnias em presença e dos interesses opostos de homens e mulheres gerados pela organização social de gênero” (SAFFIOTI, 1997 pg. 142). Santana reforça dizendo que “A partir dos anos 60, uma imagem começa a se tornar frequente nas revistas femininas: aquela de uma mulher sob a ducha, seminua, olhos fechados, mãos e braços envolvendo o próprio corpo, sugerindo o prazer de estar consigo. Ao invés de olhar diretamente o leitor, esses modelos de beleza, muitas vezes anônimos, parecem não necessitar mais de aprovação alheia. São mulheres sempre jovens, que se querem ‘iguais a todo mundo’ e que sugerem um contentamento único e solitário: aquele de cuidar do próprio corpo”. (SANTANA, 1995 pg.133).

3. Atualidade

“A novidade do final do século XX é a generalização das atividades físicas que têm como fim o próprio corpo: sua aparência, seu bem-estar, sua realização.” (PROUST, 1992 pg.102).

Para ele, todas estas práticas de gerenciamento do corpo, que florescem a partir de 1980, são sustentadas por uma “obsessão dos invólucros corporais: o desejo de obter a tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo que na aparência pareça relaxado, franzino, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo. Uma negação laboriosa de sua morte próxima” (COURTINE, 1995 pg. 86).

Em 1960, durante o Período Democrático, a grande tenista brasileira, a paulista Maria Esther Andion Bueno torna-se a primeira mulher a vencer os quatro torneios do Grand Slam (Australian Open, Wimbledon,

Roland Garros e US Open). Conquistou, no total, 589 títulos em sua carreira. Já sobre as conquistas femininas desde período, em 1979, Eunice Michilles, representante do PSD/AM, torna-se a primeira mulher a ocupar o cargo de Senadora, por falecimento do titular da vaga. A equipe feminina de judô inscreve-se com nomes de homens no campeonato sul-americano da Argentina. Esse fato motivaria a revogação do Decreto 3.199.

Quando falamos de sociedade no geral, consideramos a partir das experiências vividas em campo que apesar de consideráveis mudanças comportamentais da sociedade, ainda prevalece os costumes machistas e discriminatórios. Pais e mães são responsáveis pela educação informal de seus filhos, podendo influenciar positiva ou negativamente. Infelizmente no mercado de trabalho ainda, mulheres ainda que exerçam os mesmos cargos dos homens, ganham menos e suas qualificações são pouco reconhecidas. Para chegar a um cargo de chefia é exigido das mulheres muito mais do que um homem. Existe resistência em alguns setores na contratação de mulheres pela razão de licença maternidade – direito conquistado durante a “Era Vargas” -, por exemplo. Nota-se hoje na cidade de São Paulo onde estive, uma revolução silenciosa, que pode ser vista nas faculdades, manifestos políticos e luta pelos direitos na sociedade. Segundo Del Priori,

“Uma radicalização compulsiva e ansiosa a empurrou nos últimos dez anos, e a segue empurrando para a tríade abençoada pela mídia: ser bela, ser jovem, ser saudável! Graças à supremacia das imagens, instaurou-se a tirania da perfeição física. Hoje, todas querem ser magras, leves, turbinadas. Num mundo onde se morre de fome, grassa uma verdadeira lipofobia” (DEL PRIORI, 2005 pg.79).

“A indústria cultural ensina às mulheres que cuidar do binômio saúde-beleza é o caminho seguro para a felicidade individual. É o culto ao corpo na religião do indivíduo em que cada um é simultaneamente adorador e adorado. Mas o culto não é para todos. O tal corpo adorado é um corpo de ‘classe’. Ele pertence a quem possui capital para frequentar determinadas academias, possui *personal trainer*, investe no body fitness; este corpo é trabalhado e valorizado até adquirir as condições ideais de competitividade que lhe garanta assento na lógica capitalista. Quem não o modela está fora, é excluído” (DEL PRIORI, 2005 pg.92).

“Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1992 pg.13). Debord percebe que o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação entre pessoas, mediada por imagens. Também enfatiza que “o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana. Ele se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece” (Debord, 1992: 16).

“Por intermédio do cinema, da televisão, da publicidade e de reportagens de jornais e revistas, a exigência acaba atingindo os simples mortais, bombardeados cotidianamente por imagens de rostos e corpos perfeitos.” (GOLDENBERG e RAMOS, 2002 pg. 26). E é este o ponto de inflexão deste estudo. Segundo Travaillot (1998) o exercício, além de conferir essa imagem de um corpo empreendedor, conquistador, ativo, também aproxima as noções de beleza, forma e saúde. Nos últimos anos passou-se a “vender” a idéia de que um corpo “sarado”

é sinônimo de saúde. Talvez para justificar a obsessão das pessoas pela busca do corpo perfeito. O quê garante a sobrevivência das blogueiras *fitness* no país. Em seus perfis em redes sociais elas implicitamente dizem que se você possui um belo corpo, você tem sucesso, você viaja, você é saudável, você pode conquistar um namorado bonito, usar belas roupas etc.

Como marco das conquistas das mulheres nesta época temos no ano de 1980, onde foi recomendada a criação de centros de autodefesa, para coibir a violência contra a mulher. Surge o lema: “Quem ama não mata”. Três anos depois em 1983, surgem os primeiros conselhos estaduais da condição feminina (MG e SP), para tratar políticas públicas para as mulheres. O Ministério da Saúde cria o PAISM – Programa de Atenção Integral a Saúde da Mulher, em resposta a forte mobilização dos movimentos feministas, baseando sua assistência nos princípios da integralidade do corpo, da mente e da sexualidade de cada mulher.

Em 1985, surge a primeira Delegacia de Atendimento Especializado a Mulher – DEAM (SP) e muitas são implantadas em outros estados brasileiros. Ainda neste ano, com a Nova República, a Câmara dos Deputados aprova o Projeto de Lei que criou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Foi criado o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), em lugar do antigo Fundo de Contribuições Voluntárias das Nações Unidas para a Bancada da Mulher.

No ano de 1988, através do lobby do batom, liderado por feministas e pelas 26 deputadas federais constituintes, as mulheres obtêm importantes avanços na Constituição federal Federal, garantindo igualdade a direitos e obrigações entre homens e mulheres perante a lei. Em 1990: Eleita a primeira mulher para o cargo de senadora: Jânia Marise, do PDT/MG. Zélia Cardoso de Mello e a primeira ministra do Brasil. Ela assume a pasta da Economia no governo de Fernando Collor (1990-92). Em 1993, Assassinada Edmea da Silva Euzébio, líder das Mães de Acari, o grupo de nove mulheres que ainda hoje procuram seus filhos, 11 jovens da Favela de Acari (RJ), sequestrados e desaparecidos em 1990. Ocorre, em Viena, a Conferência Mundial de Direitos Humanos. Os direitos das mulheres e a questão da violência contra o gênero recebem destaque, gerando assim a Declaração sobre a eliminação da violência contra a mulher. Em 1994, Roseana Sarney foi a primeira mulher eleita governadora de um estado brasileiro: o Maranhão. Foi reeleita em 1998. Em 1996, o Congresso Nacional inclui o sistema de cotas, na Legislação Eleitoral, obrigando os partidos a inscreverem, no mínimo, 20% de mulheres nas chapas proporcionais. No ano de 1996, a escritora Nélida Picon foi a primeira mulher a ocupar a presidência da Academia Brasileira de Letras. Nélida exerceu o cargo até 1997 e era membro da ABL desde 1990. Em 1997, as mulheres já ocupam 7% das cadeiras da Câmara dos Deputados; 7,4% do Senado Federal; 6% das prefeituras brasileiras (302). O índice de vereadoras eleitas aumentou de 5,5%, em 92, para 12%, em 96. Em 1998, a senadora Benedita da Silva foi a primeira mulher a presidir a sessão do Congresso Nacional. Em 2003, no Brasil do século XXI, Marina Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT) do Acre, reeleita senadora com o triplo dos votos do mandato anterior, assume o Ministério do Meio Ambiente do governo Lula.

Em relação a estética, nesta época começamos com um apelo ao que é “saudável”, portanto, “nada de

beleza sem saúde. Nada de saúde sem exercício". É a religião do esforço, adotando um modelo de escola, mas sob um regime não escolar, alegre e erotizado." (Travaillot, 1998, pg.154). Corroborando Del Priori nos diz que

"As carnudas estrelas dos anos 50, como Marilyn Monroe, Sophia Loren ou Anita Ekberg, foram substituídas, nos anos 60, por criaturas esqueléticas. O modelo? Certa Twiggy, uma inglesa sardenta e seus epígonos: Kate Moss, Claudia Schiffer, entre outras. Nossa época lipofóbica deixou para trás o padrão de estética burguesa que associava riqueza e gordura. A estigmatização dos gordos e gordas é produto do fosso cada vez mais profundo entre identidade social e identidade virtual (...). Nesta lógica, o corpo precisa refletir o controle narcísico dos apetites, das pulsões, das fraquezas. Ai daquelas que não se controlam frente ao prato de batatas fritas! Vencidas pela gula, as gordas são consideradas perdedoras, inspirando, segundo pesquisadores, imagens ligadas à 'piedade' e 'pena'. Tornar-se um saco de ossos parece o ideal da mulher contemporânea, mulheres que habitam um mundo em que milhares morrem de fome. Regimes obsessivos associados à estética do corpo multiplicam-se nas revistas femininas que consagram números inteiros com terríveis títulos do tipo: 'última chance antes do verão!' O espelho retruca: 'nunca bastante magra'. A retórica sobre a magreza não pode ser mais repressiva" (Del Priori: 2005, pg. 89/90).

A partir deste momento as mídias do país são controladas por meia dúzia de famílias de origem europeia que visam apenas o lucro e o consumo. Estas famílias monopolizam os meios de comunicação e transmitem os que lhes convém e da maneira que lhes convém. Desta maneira, visando o lucro em uma sociedade moldada por homens e para os homens acontece a "objetificação" da mulher, onde aparece em situações onde não desempenha papéis importantes perante a sociedade, e ainda mais, em muitas das propagandas as mulheres aparecem para de certa maneira satisfazer ou complementar o homem.

Tais circunstâncias desencadeiam em várias situações não muito favoráveis as mulheres. A banalização da sexualidade por exemplo. O sexo, a sexualidade é explorada de uma maneira muitas vezes apenas para conseguir audiência.

Esta problemática faz-se notar principalmente nas favelas onde estive em São Paulo, as meninas têm sua primeira relação sexual cada vez mais cedo, casam ou "se juntam" cada vez mais cedo. A falta de planejamento familiar é algo ainda grave no Brasil, chama muito a atenção em zonas periféricas como as favelas em que estive visitando que em plena tarde de um dia laboral haja tantos jovens na rua, literalmente. Fazendo nada além de ver a vida passar, algumas meninas com seus filhos e conversando com amigas enquanto seus maridos trabalham, ou um grupo de garotos olhando um grupo de garotas. Algo que detalharei mais adiante.

Possivelmente a maior conquista das mulheres no último século foi no ano de 2010 quando a presidente Dilma Rousseff, ganhou as eleições do ano de 2010, assumindo o poder dia 1 de janeiro de 2011. Fatidicamente no ano de 2016 sofreu Impeachment aos dois anos de seu segundo mandato.

CONCLUSÃO

A partir do que foi proposto no presente artigo foi possível entender um pouco mais sobre o passado

das mulheres no Brasil, as heranças comportamentais como padrões de beleza, influências religiosas, recentes conquistas e lutas por direitos.

A história do Brasil principalmente em relação ao que tange as mulheres é muito recente, podemos dizer que os fatos mais relevantes ocorreram de duzentos anos para cá com a chegada da família real ao Brasil.

Entendendo sobre o passado, as circunstâncias, miscigenação e outros fatores que expusemos ao longo do artigo é possível adquirir mais empatia com o público feminino na Indústria da Beleza no país. Neste ponto fazemos a intersecção entre as disciplinas de marketing e antropologia a fim de adquirir a empatia necessária para trabalhar o comportamento de consumo das mulheres no país em relação a Indústria da beleza. Principalmente se levamos em consideração a atual crise econômica que enfrenta a nação e após crescer exponencialmente em dois dígitos nos últimos 23 anos, no ano de 2015 teve sua primeira retração do setor em mais de duas décadas. As últimas vendas de produtos de higiene e beleza somaram R\$ 42,7 bilhões em 2015, uma queda de 6% em relação ao ano anterior, já descontada a inflação, de acordo com levantamento da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC). Todo este processo como falamos no início do artigo faz com que deixemos de ver o público como meros consumidores, mas sim como pessoas com toda uma história por detrás de si.

BIBLIOGRAFIA:

- ABIHPE. **Cosmoprof Bologna 2 a 6 de abril de 2009**. Disponível em: <http://www.abihpec.org.br/cosmoprof_bologna2009.php>. Acesso em: 10 nov 2012.
- BERGER, Mirella. **Corpo e identidade feminina**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em antropologia, do Departamento de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em antropologia social. São Paulo, 2006.
- CASANOVA, Vera - "**Condenados ao sentido**", in: *Corpo e Sentido: A Escuta do Sensível*, organizador Ignácio Assis Silva, São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- COTT, Nancy F. - "**O estilo americano dos anos 20**", in: *História das Mulheres no Ocidente*, dir. de Georges Duby e Michele Perrot, vol.5, Edições Afrontamento, LTDA, Porto, sem data.
- COURTINE, Jean Jacques - "**Os staknovistas do narcisismo: body-buildinng e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo**", in: *Políticas do Corpo*, org. Denise Bernuzzi de Sant'Ana, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.
- CRESCO, Jorge - **A História do Corpo**. Lisboa, Difel, 1990.
- DEBORD, Guy - **A Sociedade do Espetáculo**, Rio de Janeiro, Contraponto, 1992.
- DEL PRIORE, Mary - **Corpo-a-corpo com a Mulher: Pequena História das Transformações do Corpo no Brasil**,

São Paulo, SENAC, 2000.

_____. **Ao Sul do Corpo** – Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. Brasília: Edunb, 1993, p. 43-101.

_____. **“Magia e medicina na colônia: o corpo feminino”**, In: História das Mulheres no Brasil. Org. Mary Del Priori, São Paulo, Contexto, 2004.

EXPILLY, Charles. (1977). **Mulheres e costumes do Brasil**. Brasileira vol. 56. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem e modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. **Modos de Homem**. Modas de Mulher. Rio da Janeiro, Record, 1986.

GOLDENBERG, Mirian e RAMOS, Marcelo Silva - **“A civilização das formas: O corpo como valor”**, in: Nu e Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca, Mírian Goldenberg et al., Rio de Janeiro, Record, 2002.

_____, Mirian - **“Apresentação”, “A conversão do pesquisador” e “O corpo cativo: sedução e escravidão feminina”**, in: De Perto Ninguém é Normal, Editora Record, Rio de Janeiro, 2004.

GOMES, Laurentino. 1808. **Alfragide**: Livros D’Hoje, 2010.

LAURETIS, Teresa de – **“A tecnologia do gênero”**, in: Influências e Impasses: O feminismo como Crítica da Cultura, RJ, Rocco, 1994, org. por Heloísa Buarque de Holanda.

PEDRO, J. M. (julho de 2003). **A experiência com contraceptivos no Brasil**: uma questão de geração. Revista Brasileira de História On-line version ISSN 1806-9347, vol.23 .

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncios da História**. Tradução de Viviane Ribeiro, São Paulo, EDUSC, 2005.

PROUST, Antoine - **“Fronteiras e espaços do privado”**, in: História da Vida Privada, vol 5: da Primeira Guerra a Nosso Dias, org. por Antoine Proust e Gérald Vincent, direção de Philippe Ariès e George Duby, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

QUEIROZ, Renato da Silva e OTTA, Emma. **“A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal”**, in: O Corpo do Brasileiro: Estudos de Beleza e Estética. Renato da Silva Queiroz Org., São Paulo, Senac, 2000.

RAMECK, Maruska – **Dinâmicas da Voz e do Gênero**: Uma questão de poder, tese de doutorado, PUC (Pontifca Universidade Católica de São Paulo), São Paulo, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth – **A Mulher na Sociedade de Classes**: Mito e Realidade, Petrópolis,

Vozes, 1979. **“No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil”**, in:

Quem mandou nascer mulher, org. Madeira, F.R., Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos,

1997.]

SANT'ANA, Denize Bernuzzi de - "**Apresentação**", in: Políticas do Corpo, org. Denise Bernuzzi de Sant'Ana, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

TRAVAILLOT, Yves- **Sociologie des Pratiques d'Étretien du Corps**. L'Évolution Portée au Corps Depuis 1960. Paris, PUF, 1998.

THÉBAUD, Françoise. **Introdução**. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (org.). História das Mulheres no Ocidente. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1995, p.13

WOLF, Naomi. **O mito da Beleza**: Como as imagens são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.